

CORREIO DO MEIO - DIA

SEMANARIO

POLITICO, COMMERCIAL, INDUSTRIAL E NOTICIOSO

Advogando os interesses do Algarve e Baixo-Alemtejo

PROPRIETARIO E REDATOR — LUIZ MASCARENHAS

NUM. 100

DOMINGO 9 DE ABRIL DE 1876

III ANNO

Portimão, 8 de abril

Tem causado espanto n'esta villa o estado anarchico em que se acha esta secção d'obras publicas que é centro dos principaes trabalhos da província e onde se accumulam trabalhos de maior responsabilidade.

A cargo d'esta secção estão as seguintes obras.

Construção das avenidas da ponte sobre este rio.

Fiscalisação da construção da mesma feita pela companhia franceza *Fives Lille*.

Construção do dique regulador.

Construção d'uma ponte sobre o Vau.

Construção da estrada de Mouchique.

Conservação da estrada real do litoral.

Por mais d'uma vez a imprensa se tem referido à acumulação de trabalhos tão importantes n'um unico individuo o sr. conductor Jeremias apesar de se lhe reconhecer aptidão e honestidade precisas.

Era encargo demasiado para qualquer empregado ainda mesmo que fosse habilitado com o curso.

Tantas obras e em pontos tão diversos não podiam estar sob a responsabilidade d'um só funcionario.

Pois bem o sr. director Macario resolveu isto tudo do seguinte modo!

Chamou o sr. Jeremias, conductor para uns estudos sem importância não sabemos onde e coloca á frente d'estas obras, encarregado da secção o apontador Belles que tem sido apenas um bom empregado de secretaria como é notorio.

Isto não se commenta, está lóra de qual quer consideração!

O sr. Macario decididamente perdeu o juizo.

E este senhor que dirige e administra as obras publicas do Algarve?

Isto não é dirigir é desorganizar; não é administrar é esbanjar.

Recomendamos ao sr. Avilino estas coisas.

Estão confirmadas as nossas previsões. O caminho que seguiu o deputado Carrilho em Tavira é o mesmo que foi seguido pelo deputado Cunha Belem d'este círculo a propósito do qual o nosso insuspeito collega da *Gazeta* diz o seguinte.

«A iniciativa do representante d'este círculo, durante a legislatura finda, resumiu-se a dois projectos — um tornando extensiva aos officiaes reformados a isenção da contribuição municipal, e o outro autorizando o governo a ceder em beneficio da junta de parochia da Luz umas casas e quintas que ali ha.

Temos em subida conta os meritos de sr. C. Bellem e os seus bons dezojos.

Não obstante, pouco mais podíamos esperar de quem não conhece o círculo, nem as suas necessidades.

Os homens da localidade, os amigos da sua confiança, esses sim que deveriam ter aproveitado melhor, e em beneficio dos eleitores a quem o inculcaram, o muito que havia a esperar do valimento de s. ex.^a

Era esse o seu dever e a sua conveniencia.

Se os eleitores de Lagos voltarem as costas ao sr. Bellem, cujos serviços desconhecem para se lembrarem do seu projecto, que vale um privilegio que elles pagarião, queixem-se s. ex.^a dos que não souberam afeitar a sua iniciativa por mais ampla craveira, que a de pequenas conveniencias pessoas,

que vão d'encontro ás do maior numero por quem melhores razões punem.

Era lícito atribuir-lhes mais largas aspirações. Quando por toda a parte se falla do estado d'abatimento e atraço a que Lagos chegou, parece impossivel que os que se arrogam a sua direcção politica dessem tão triste documento da sua boa vontade d'engrandecel a. N'este ponto é que nós desejarmos que todos apprendessem com os nossos vizinhos de Portimão, cujo amor pela sua terra é o melhor titulo da sua nobreza.

Felizmente a apresentação do projecto não tem outra significação que não seja a d'uma condescendencia, cujo alcance o sr. Bellem não pôde medir.

A contribuição dos reformados, que tanto deu aqui que fallar e perante a qual os déveres da amizade e os laços da política nada poderiam, existiria por muitos annos, antes que o projecto salvador se consuma de todo nos archivos da camara.

Mal empregado empenho!

Forrada esta classe aos encargos municipaes, com mais razão se eximiriam a elles os outros funcionarios, e depois pretendiam o mesmo os negociantes a quem se pede o imposto indirecto e assim por diante. As duas por tres ficariam as camaras sem receita ou iriam buscar á propriedade, cujo estado de florescencia é bem conhecido.

Sendo todos a exigir commodidades, só uma parte as pagaria com o suor do seu trabalho, com os parcos rendimentos de seu capital. E dizemos seu, porque certamente os que porventura não gostarão d'estas verdades, não aceitam a afirmativa arrojada de Prhoudon, quando diz que a propriedade é um roubo.

Ha desigualdades na contribuição? Quem tem d'ellas os interessados e procurem-lhes o remedio; mas não pretendam criar insenções, que offendem interesses respeitáveis.

Nem todos, mas alguns dos mais esclarecidos têm andado mal n'este negocio, sentimos dizer o.

As resistencias d'uns promovem as resistencias dos outros, e por este caminho não se chega a bom fim. Os maus exemplos são sempre seguidos e tornam-se pessimos quando partem de cima.

Creemos que nos fazemos comprehender. E' preciso que todos demos alguma coisa em troca do que a comunidade nos oferece. Nas questões d'interesses geral torna se indispensavel olhar as coisas de mais alto.

Notícias diversas

Distrito de Faro. — Recebemos o primeiro numero d'este novo collega que vem alistar-se na propaganda do bem estar e interesse algarvio.

Saudamos o novo campeão e fazemos votos para que a fortuna lhe corra prospera.

Agradecemos a remessa e trocaremos.

Colégio de S. Luiz Gonzaga. — Não tem tido o exito que se esperava este establecimento, dirigido pelo sr. padre Baptista Pereira.

E' para lamentar a decadencia d'um establecimento que podia ser de vantagem para esta villa e proximidades.

Procissão do enterro. — Vae tocar á procissão de sexta feira santa a philarmoni-

ca *Recreio Musical* em obsequio aos nossos amigos os srs. Luiz Filipe Pargana e Bernardo Pedro Neves, directores da irmandade do Senhor dos Passos a quem pertence as solemnidades d'este dia.

Meeting. — Está averiguado que o meeting de Villa Real de Traz-os-Montes, hostil ao governo foi concorrido por mais de 6:000 pessoas segundo afflana a palavra de honra dos cavalheiros mais importantes d'aquella villa.

Os telegrammas dos regeneradores negam isto.

Ficam desmentidas tambem as suas asserções sobre o de Lisboa do qual teste munhas presenciaes nos affiançaram ter sido concorridissimo e haverem retirado muitas pessoas pela impossibilidade d'entrar na sala.

Vae se conhecendo a popularidade do ministerio e a conformidade da opinião publica com os seus actos.

Morte desastrosa. — Morreu hontem o sr. Joaquim Duarte Serpa, em consequencia dos ferimentos e contusões recebidas por um burro em que montava.

No domingo passado indo para seu campo, o burro lançou o por terra, espesinhou o e mordeu o até que uma quinteira accindiu aos seus gritos o veiu livrar dando uma forte sachada na cabeça do burro.

A idade avançada do sr. Serpa e o seu estado de decrepitude não lhe permitiram resistir ao funesto desastre.

Esquadra Inglesa. — Esteve á barra d'este porto a esquadra Inglesa do canal sob o commando do almirante Seymour.

Este official visitou o porto n'un escaler a vapor e dirigia se para Silves havendo tomado por um facil engano o confluente de Odolouca pelo que desistiu de visitar aquela cidade.

Desembarcou no regresso n'esta villa e percorreu alguns sitios dos arredores.

Fez-lhe as devidas honras o sr. José Duarte Serpa encarregado do vice consulado Ingles n'esta villa.

A esquadra levantou ferros no mesmo dia e foi ancorar na baía de Lagos.

Navio. — O navio hespanhol *Venus*, que deu á costa n'este porto ultimamente do qual o casco foi vendido em praça por 200\$000 réis, saiu hontem do local do sinistro e foi conduzido para a praia proxima do convento onde se presta ao destino que pretendia dar-lhe a empresa que o arrematou.

Esquadilha do Algarve. — Foram mandados apresentar pelo ministerio da marinha ao da fazenda os primeiros tenentes da armada António Joaquim de Mattos e José Tito Celestino Soares, e os segundos tenentes Manuel Luiz Mendes Leite e Alfredo António Ghira. São estes officiaes destinados a substituir no serviço da esquadilha de fiscalisação das alfândegas os primeiros tenentes Cipriano Lopes de Andrade commandante do vapor *Argus*, e Pedro Ignacio de Gouveia, commandante do iate *Algarve*, e os segundos tenentes Luiz António de Moraes e Sousa, commandante do *Ligeiro*, e Cesar Justino da Costa Lima,

commandante da canhoneira n.º 4 do Guadiana.

Audiencias geraes. — Hão de começar no dia 28 do corrente as audiencias d'esta comarca.

Restabelecimento. — Acha-se restabelecido da enfermidade que o acometeu, o nosso amigo o sr. Guilherme Quintino de Avelar, digno chefe da delegação da alfandega d'esta villa.

E' esperado. — Deve chegar em breves dias a esta villa o nosso amigo o sr. dr. José Alexandrino d'Avelar em regresso da capital.

Communicados

Amigo redactor.

Lendo na *Liberdade* de 2 do corrente n.º 77 uma correspondencia datada de Pera, ocupando-se da minha humilde pessoa com respeito aos socorros prestados ás pessoas feridas d'aquella povoação no desastre do dia 26 de março ultimo que teve lugar proximo á ponte d'esta cidade, cumple me agradecer ao illustre correspondente os incomodos que me tece e que entendeu tornar do domínio publico, quando bem dezeljava que ficasssem sepultados na obscuridade.

O illustre correspondente diz tambem que o seu reverendo parochio e muito meu amigo Bernardino Pessanha, passando n'esta occasião, saltou do trem e também foi prestar socorro aos infelizes. Desculpe me dizer-lhe, que não foi bem informado a este respeito.

Sahindo eu e o reverendo parochio de casa do nosso amigo José Antonio Garcia Blanco fomos por um individuo avisados que havia sucedido grande desgraça a uma familia que ia em um carro para Alcantarilha. Não esperamos saber mais promenores do acontecimento, e ambos, caminhando presurosos, apenas trocâmos algumas palavras e estas, todas tendiam á suposição ou quasi certeza de ser a gente de Pera que havia sucedido aquella fatalidade.

Infelizmente assim foi.

Entramos no armazem onde se acha estabelecido o sr. Netto, de Pera, ouvindo já os gritos dos feridos que ali tinham sido recolhidos. Aproximamo-nos d'elles, e os que estavam com ferimentos mais leves acercaram se do seu prior, rogando-lhe que lhes acudisse. Ao principio, e em presença d'un quadro tão doloroso e tão pungente, ficámos estupefactos! E não-era para menos. Aqui, a filha do falecido António Pintor, e também ferida ainda que levemente, abraçada ao seu parochio banhada em lagrimas, rogando que a levasse a presença do pae e que já supunha morto. Acolá a mulher do Francisco Rosa, lamentando a sua desgraça, gritando, já pelas dores que soffria, como pela saudade de ver e amamentar seu tenro filho que havia deixado em casa, e que presumia não mais o ver. Sobre a cama do sr. Netto estava deitado outro ferido nas costas sem poder articular palavra, e só de espaço a espaço soltando surdos gemidos.

D'outros lados, choros e lamentações dos feridos mais leves. Não eram menos de oito os feridos n'este armazem.

O nosso trabalho, até á vinda do digno facultativo d'este municipio, o sr. Hermenegildo José Chaves, foi animar os feridos,

Examinados depois pelo mesmo facultativo, e estabelecido o tratamento a seguir, entendi de meu dever, pois que os feridos não tinham aqui parentes nem verdadeiramente amigos a quem podessem socorrer-se, provar, tanto quanto me fosse possível, como sou grato e amicissimo de toda a gente de Pera, sem a minima exceção, pela estima e afetção que sempre me tem dispensado. Foi o que fiz.

O meu amigo Bernardino, cerca das onze horas, acedeu aos incessantes pedidos de sua comadre, levando a para Pera no seu trem. Os restantes foram conduzidos em um carro na tarde do dia seguinte, depois de serem inquiridos pela justiça para o corpo de delito.

Muitos cavalheiros d'esta cidade trabalham e cuidaram com esmero d'aqueles desgraçados.

O sr. Antonio Salles, rendeiro da horta do sr. Froes, recolheu a falecida Maria Izabel, que só saiu da sua casa na tarde do dia seguinte, e a quem já agradeci pelo incommodo que teve.

Releve-me pois o illustre correspondente esta longa exposição, que só teve por fim advertir lhe que ao reverendo parocho ficaram os seus parochianos feridos e não feridos devendo lhe mais estes favores por mim presenciados.

Pela inserção d'estas linhas te fica por mais esta vez agradecido o teu amigo do coração.

Vicente Antonio d'Almeida.

Sr. redactor.

Quando respondi ao interessante comunicado de 21 do corrente, que vem transscrito no jornal a *Liberdade* numero 76, e é assignado por um C. e quatro pontinhos, não tive tempo, de dizer duas palavrinhas ao muito elegante sr. Augusto Rosa, que também me mimoseou com outro comunicado, ou como lhe queiram chamar, que vem transscrito na mesma folha.

Confesso sr. redactor, que à primeira leitura considerei o sr. Rosa um tanto porjucado da cabeça. Seja como for, declaro, que ainda percebi o que elle quis expressar.

No entanto von da melhor vontade declarar ao sr. Rosa (com espinhos) que não costumo usar forcados nem cacetes, e que não os conto até numero 9, que tive a satisfação de merecer sempre de seu respeitável paiz o melhor tratamento, enquanto pratico na sua botica; que se elle fosse vivo poderia certificalo da nossa amizade e do importante serviço, que lhe prestei, livrando o de ser assassinado em 1838.

Pela inserção d'estas poucas palavras lhe ficará sr. redactor, muito agradecido o que é

De v. etc.

Tavira 3 de abril de 1876.

Jacinto Alexandre Travassos Neves.

Sr. redactor do Correio do Meio-Dia.

Em o numero 76 do jornal *Liberdade*, vem publicadas duas correspondências d'esta cidade, sendo uma assignada por C. e quatro pontinhos e tem a data de 21 do proximo passado mez de março, e outra pelo sr. Augusto Rosa, que não tem data.

Já disse em outra occasião, que detesto a mentira, e que não sei lutar, senão com armas leaes: sendo por isso que os meus adversarios me levam grande superioridade, porque não trepidam ante o uso da calunia, e recorrem a todo e quaquer meio e a toda a toda a especie de invenção para deprimir e injuriar, enquanto que as minhas armas, e as da parcialidade, a que estou ligado, são e serão sempre a verdade, e sómente a verdade.

Se o alludido jornal fosse lido sómente n'esta cidade, declaro-lhe sr. redactor, que não me dava á impertinente tarefa de desmascarar o author, ou autores das maldades inventadas, que ali se me assacam, e aos meus amigos; por quanto toda a gente aqui conhece a falsidade de tais acusações: como porém é distribuido por outros pontos da província, e fóra d'ella, forçoso é dizer alguma cosa, para que se faça justiça a quem a tiver, e se cordeça o *explendor e brilho* das armas, com que pretendem combater-nos.

Sem fazer caso de algumas puerilidades com que o sr. C. se entreteve no começo do seu comunicado, tocarei simplesmente nos factos mais importantes, e que carecem

de refutação, assim de serem devidamente apreciados. Conviu pois o sr. C. a declarar miuda e categoricamente, quais são os factos que provam a denominação de violento e perseguidor do grupo a que tenho pertencido; quais as violências por elle praticadas, e os individuos por elle perseguidos; a que ameaçou publicamente, e com basofia; quais foram esses timidos, e dependentes, a quem conseguiu dominar pelo terror; e quais os que foram tenazmente ás suas extravagantes indicações. Ora se o sr. C. não apresentar, as provas, que exijo, será tido por um calunião; devendo ter em vista, que nem sempre se está disposto para sofrer impunemente acusações falsas, e destituídas de todo o fundamento.

No 3.º parágrafo da correspondência phantasia o sr. C. coisas filhas de sua fertil imaginação, similares a outras já lid s em outros jornaes, em que sempre de mistura aparece o princípio de moralidade ou de desmoralização conforme lhe cabe a pello; mas o sr. C. deve ter já percebido, que as tuções de moral dadas por atgos membros do seu grupo tanto n'esta cidade como na de Beja, e n'essa villa de Portimão e na de Loulé nem as aceitamos, nem nos podem sanctificá.

Falha em seguida no abuso de uma força que não era nossa, porque era astuciosamente roubada, á credulidade e boa fé de um homem poderoso no paiz. Julgaes as sim? E' porque esse terá sido o vosso modo de proceder. O que a todos não deixará de maravilhar, é a hypocrisia com que fallam agora de um cavalheiro, a quem tanto tem injuriado e ludibriado, não obstante os altos favores por elle feitos a muitos do grupo a que o sr. C. pertence, pagos com a mais revoltoate ingratidão. Creio não ser preciso declarar os nomes, porque o sr. C. deve bem coñecel-los.

Diz em seguida o sr. C., que transformámos a rissoa Tavira n'uma terra insociável, e perigosa. E' isto o que nós podemos afirmar e provar com respeito ao grupo do sr. C., depois que para esta cidade vieram residir alguns de seus membros, que viviam fóra d'ella.

Mais adiante declara o sr. C., que eu apresentei no meu artigo o corpo de delito, e que era isso o que mais os espanhava. Corpo de delito de que, pergunto eu? O corpo de delito vou eu agora apresentar para espanto e admiração de toda a gente que fôr seja, honesta e amiga da verdade, e depois se verá, se isto é reviramento de consciência, ou imbecilidade litteraria, como dizes. Saiba pois, sr. redactor, que os nomes dos cavalheiros, a que maliciosamente allude o sr. C., como perseguidos por nós, são distintos d'aqueles, a que me referi, e que posso apontar; nem os seus destinos, quaisquer que elles fossem, tem relação com a política da localidade: e repararei também sr. redactor na simplicidade jesuítica do sr. C., quando diz, que não sabem o nome do padre, que foi transferido para uma freguesia rural, e calam-se igualmente com respeito ao nome do guarda da alfandega, que foi mandado para a Ilha, e do enfermeiro do hospital do Espírito Santo. Não deve de mesmo modo ficar sem reparo, que fallando o sr. C. em perseguições não apontasse quais estas foram.

O administrador do concelho, a que alludi no meu comunicado, foi o sr. dr. Frederico Lazaro Cortes, que por ter cumprido o seu dever, foi a instâncias dos srs. do grupo do sr. C. transferido para o concelho de Monchique (provavelmente para o obsequiar) e que elle não aceitou: o delegado do procurador régio foi o sr. dr. António de Paula de Sousa Couceiro, transferido para Moçambique; o capitão de caçadores n.º 4 foi o sr. Manuel Cyriano da Costa Ribeiro, transferido para caçadores n.º 6; os deis empregados das alfandegas fui eu um e o outro o sr. João Napoléon Neves, meu primo, que fomos transferidos para a delegação de Villa Real de Santo António; o padre foi o sr. Francisco de Paula da Fonseca Neves, meu sobrinho, que era ajudador da freguesia de Santa Maria d'esta cidade, aonde além d'issso fazia um grande serviço áquela povoação, ensinando muitos meninos, que por motivo da sua saudade ficaram privados d'este benefício. Foi, pois transferido por effeito de combinações políticas, para a freguesia de Santa, para onde teve de fazer conduzir com grave tumulto sua mãe viúva, e tres irmãos menores; o guarda mandado fazer serviço na Ilha foi o sr. João Baptista do Rego, que estando

dispensado do serviço activo pelo seu mau estado de saúde, o obrigaram a ir destacado para aquelle ponto. o fiscal foi o sr. António da Fonseca Monteiro, transferido para fora de Tavira, os dois liberaes puros são os srs. Manuel Anastacio e João Pedro Fernandes, que tiveram praça no batalhão de voluntários da rainha, e exerciam aqui ultimamente os cargos de cobradores de congruas parochias, de que foram demitidos sem o menor motivo: e o enfermeiro é o sr. António Joaquim de Sant'Anna Correia. Os designados até ao sr. fiscal Fonseca Monteiro foram punidos pela forma indicada, por terem cometido o grande crime de votarem nas eleições de 1869 em o candidato governamental, que era o falecido sr. barão do Rio Zêzere, e portanto contra o sr. Lobo d'Avila, que era oposição; e as outras demissões tiveram origem em serem os dois primeiros afectos ao dito sr. barão, e o terceiro talvez por ser irmão do sr. dr. Sant'Anna.—Vou agora sr. redactor referir-me aos cavalheiros mencionados pelo sr. C. a quem aleivosamente atribue sofridas perseguições, que elle devia citar, mas que não teve coragem de apontar, porque não existiram.

O sr. João Luiz de Mendonça e Mello, que foi quem substituiu o sr. dr. Cortes no lugar de administrador d'este concelho, por nomeação do sr. José de Beires, foi demitido d'aquele lugar por assim o haver pedido, como toda a gente pode ver no *Diário do Governo* numero 176 de 12 de agosto de 1870; ficando assim provado que não houve n'iste perseguição, como falsamente inculca o sr. C.

O sr. dr. José Julio, que nada temido com as nossas dissensões, exerceu o cargo de delegado n'esta comarca d'onde em tempo foi transferido para outra, e pediu depois a demissão por motivos que só são do domínio de s. ex.^a.

O sr. Francisco Manuel Arez, tenente em comissão nas obras públicas, pertenceu lhe o posto de capitão, e não havendo vaga em caçadores n.º 4 foi preencher uma que havia em caçadores 3; e quando o sr. Lobo d'Avila por exigências do grupo transferiu o sr. capitão Ribeiro para caçadores n.º 6, veio o sr. capitão Arez comandar a companhia, que aquelle deixou vaga: mas tendo o inquisitório presidido pelo sr. duque de Saldanha, depois dos acontecimentos de maio de 1870, determinado que regressassem ás suas anteriores situações os funcionários, que haviam sido perseguidos pelo ministerio, de que o sr. Lobo d'Avila fazia parte, regressou o sr. capitão Ribeiro á companhia, que antes comandava no batalhão n.º 4, passando por isso o sr. capitão Arez ao regimento n.º 15, d'onde mais tarde veio com passagem para o dito batalhão n.º 4, obtida pelo sr. barão do Rio Zêzere, a pedido de

alguns seus amigos, como s. s. não ignora.

O sr. Henrique Arêz era empregado da delegação da alfandega n'esta cidade, e por motivo de desarranjos ocorridos no expediente da de Villa Real de Santo António foi pelo director da alfandega d'Olhão mandado fazer serviço n'aquella casa fiscal, subordinando o sr. Carlos Padua; e pela collecção do sr. Barboza na de Lagos ficou elle sendo chefe da delegação d'aquella villa, como eu fiquei sendo da de Tavira; mas s. s. quando se decretaram as perseguições, a que tenho alludido, e outras, requereu, de acordo com os seus amigos, ser mandado dirigir, a que estava a meu cargo, e assim se excetuou, tendo elle continuado em mansa paz até ao presente, visto que havendo eu requerido a minha aposentação, logo depois de ter sido mandado para Villa Real, eu não tinha de utilizar a benéfica disposição acima referida do ministerio do sr. Duque de Saldanha.

O sr. José Ricardo Antunes, fiscal e não empregado da alfandega estava antigamente no posto de Tavira; e se foi depois mandado para Villa Real entrou n'issso assentimento seu, accordo com o sr. director da alfandega de Faro, em atenção do precário estado de saúde do falecido sr. sub chefe fiscal Sant'Anna. Cabe aqui o dizer-lhe, sr. redactor, que seria impossível que o sr. Antunes, se estivesse em Tavira consentisse, que se abusasse do seu nome para tão aleivosos intentos, e execraveis fins; pois que elle não se terá esquecido dos bons serviços, que lhe fizeram muitos dos meus amigos políticos e parentes, por occasião da syndicância, a que aqui veio proceder contra elle o sr. Borges, director da alfandega de Olhão, e quo lhe valerão seguramente, para que

não houvessem resultados funestos, como se receava, no que tomou mui activa parte o sr. Barão do Zêzere. O outro sr. fiscal Monteiro, a quem também o sr. C. se refere, e que julgo estar actualmente em Mertola, foi, ha pouco, para alli mandado pelo sr. director da alfandega de Faro, que é, quem pode dizer os motivos, que o levarão a dar tal ordem.

Os dois liberaes srs. João José Neves Garcia, meu primo, e João Baptista Figueira pessoa, de quem igualmente trata o sr. C. eram empregados na companhia de pescarias do Algarve, o 1.º como administrador, e o 2.º como fiel de armazens n'esta cidade. Aos srs. directores da dita companhia pertence unicamente o declarar causas, que determinaram as suas demissões: entretanto chamo a atenção dos imparciais leitores para o comunicado do sr. Figueira pessoa que segue o do sr. C. no dito *Jornal Liberdade*, e por elle se verá, que a demissão d'este sr. nada tem com a política, nem com perseguições, como maliciosamente insinuou o sr. C.

Sr. redactor por credito meu, e do Jornal a seu cargo empenho a minha patravha de honra pelas verdades que deixo referido. Basta por hoje, que esta vai longa: e pela sua inserção muito penhorado ficará.

De v. etc.

Jacinto Alexandre Travassos Neves

Sr. redactor.

Nos ultimos numeros da *Gazeta do Algarve* e da *Liberdade* apareceu uma noticia d'um tabaco appreendido por um tal segurado e referem-se com elogio ao serviço feito por aquelle empregado.

Para inteiresa do publico e conhecimento d'aqueles jornaes tenho a declarar que o tabaco me pertence, que era eu quem o vendia e que estava legalmente habilitado a fazer pela licença que tirei na respectiva re-partição.

O motivo da apprehensão foi por que eu não tinha o tabaco na minha residencia e sim na casa de meu sogro, onde tenho mais generos de meu negocio, e que é um dos meus armazens.

Tudo isto foi declarado ao tal Segurado, que não obstante e por motivos anteriores fez a apprehensão.

Cabe-me allegar estas razões no fôro judicial para reinvindicar a minha fazenda e para ali recorrer no devido tempo.

Tinha porém que mostrar que o procedimento elogiado, longe de ser um serviço de lei, foi um abuso com má fé de que sou vítima: pelo enxovalho e prejuízo do arresto de meu genro.

Eu creio que o estado não tem empregados para entorpecer a industria legal e que os que tal fazem não devem merecer os elogios de ninguem.

Se a apprehensão que me fizeram foi bem feita creio então que ninguem tem meio de vender tabacos porque qualquer estupido empregado pode pegar n'elle porque não está na casa que elle intende lá intende no seu bestunto.

Pedindo-lhe a publicação d'estas linhas assigno-me.

De v. etc.

Estombar 4 de abril de 1876.

Francisco Antonio Correia.

Sr. redactor

Vejo no numero 98 do seu mui ilustrado jornal, o *Correio do Meio Dia*, um comunicado d'um senhor Henrads Silves datado de 18 de março findo, ao que não posso deixar de responder, não como devia mas como o mui curto entendimento e pouco saber me permitirem.

Com que então senhor Henrads, vem v. s. de mascara na cara, cotello alçado, e todo arrogante, entrando com toda a sem cerimonia e sem razão, pela honra e reputação alheia? Com que então sou conhecido pelo nome de Ignacinho Tendeiro, porque já tive loja? Com que então fui eu o author dos pasquins que apareceram contra o sr. prior de Odeceixe? V. s. sabe mais de mim do que eu proprio! Pois saiba que a opinião dos cavalheiros illustres d'esta terra, é, que eu não fiz tais pasquins; consulte os e publique os seus nomes, bem como o que lhe disserem a tal respeito, e verá que não faltou a verdade.

Agora digame senhor Henrads, ou Herodes, já que tanto sabe: quem foi que fez os pas-

quins que referiram a mim? Seria o senhor prior de Odeceixe? Oihe que tambem muita gente sensata assim o suppõe.

O que eu vejo no sr. Henrods, é uma pessoa mal criada, ou, se teve educação, faz mal uso d'ella; ora aos mal criados dou-lhes com a porta na cara, sem lhes prestar mais atenção; é o que faço ao senhor, dizendo-lhe que pelo couce se conhece o animal que o dá.

Agora ao senhor prior de Odeceixe. Diz o senhor prior no seu segundo comunicado inserto no numero 97 do acreditadissimo jornal o *Correio do Meio Dia*, como resposta a um cavalheiro de Odemira, correspondente do jornal a *Liberdade*, que não sei quem é, que incorreu no desagrado do reverendissimo, por dizer que eu era camarista. Pois saiba que sou filho e neto de camaristas da camara de Aljezur; agora se lhe apraz, insiste tambem os meus maiores que Deus já lá tem.

Diz o senhor prior que não é o habito que faz o monge, que tem visto muitos camaristas; sim senhor, concordo, tambem eu tenho visto muitos padres, mas não vi nenhum que se assimilhe ao senhor, em escândalos e em immoralidades praticadas aqui, como os espancamentos a que se refere o senhor Manuel Pacheco da Costa, e outras coisinhas mais.

Despe a batina padre José Francisco de Jesus, que bastante a tens manchado n'esta terra, e empuinha o cajado de marchante, profissão que aqui tens exercido e vae ver os teus chibatos que tens no Madronhal, freguezia de Bensafrim, guardados por um refractario do concelho de Odemira, e fica sabendo que o sacerdocio, não foi o caminho que Deus te destinou.

Sr. redactor, a v. e ao respeitavel publico, peço perdão d'este desabafo a que fui forçado, e a esta feia questão põe ponto final para sempre o

De v. etc.
Odeceixe 4 de abril de 1876.

Ignacio da Costa Pacheco Fragoso.

Sr. redactor.

Não gastarei cera nem ruim defuncto, para agradecer ao delicado elogio, que me tecê uma joven creançã d'esta aldeia, o ex.^{mo} sr. Manoel Pacheco da Costa, no ultimo numero do seu ilustrado jornal; continue o meu benzinho, e não deixe cousa alguma no tinteiro; olhe que, se faltá à promessa, a sua illibada honra fica prejudicada; tenho a certeza que o ilustrado publico e eu não levamos a mal as suas amabilidades; o que se pode esperar do grande Trapizondia?...

Eu já sabia a quanto transcendia esta inocente creançã, mas ignorava que o menino fosse tão insigne no manejo da cabala;—faço justiça à sua sagacidade!..

Em diferentes numeros do seu ilustrado jornal, sr. redactor, este ingenuo Pachequinho tem publicado os seus afamados escriptos, mas em prosa heroica...., aonde a reputação do sr. José Cardozo, da Villa do Bispo, e do sr. António Melchiades de Sequeira Machado, actual administrador em Tavira, tem sido atassalhada a seu bel talante; não admira pois que o menino Pachequinho brincasse tambem com a minha reputação; exulto-o pois pela boa habilidade!!!

Ainda me provoca com a sua nojenta baixa para que lhe responda; isso não! O que lhe hei de eu dizer, se me colloca—*supra chorus angelorum*?

Tambem vem a lume o sr. Costa Fragozo, tio do inocente Pachequinho—por linha materna, com um aranzel, que me obrigou applicar toda a hermenéutica para descobrir a sua unica tangente em tanto espalhafato; não se cance s. s. porque de sobrejo todos o conhecem—*fama volat*; se o eterno despresso, que lhe voto, não me vedasse de entrar em explicações, lá iria dar um colorido ás suas excelsas virtudes.....

Rogo a fineza do meu amigo e sr. redactor publicar estas linhas no proximo numero do seu acreditado jornal, no que muito grato se confessa o que é.

De v. etc.

Odeceixe, 4 de abril de 1876.

José Francisco de Jesus.

Sr. redactor

Ha no espírito e no coração humano uma lei imperiosa, uma força irresistivel, no seculo presente, que nos impelle ao progresso e melhoramento, e é esta que occupa o co-

ração do sr. Joaquim Marreiros Mascarenhas Netto, pelo que merece os nossos encorios.

Não exitamos pois, a sua idéa e boa vontade. Não regeitemos, nem pretendemos resgalos; mas não sejamos incautos analisemos á luz do dia as recamadas flores exalando embriagantes perfumes e enganosos atavios a pertendidos fins, que talvez encontrados com más informações que lhe teem sido intitidas. Não pretendo arguir, nem repellir sólamente a verdade por onde desejamos caminhar em actos de responsabilidade publica. Podemos errar, todavia permitta as nossas reflexões para o publico não ficar illudido, principalmente a autoridade superior e o ministerio de sua magestade.

Na sessão de 17 de fevereiro ultimo s. s. fez ver á junta que tendo sido decretada a escola do sexo femenino em 22 de fevereiro de 1876 era conveniente uma casa que levasse (attenta a população da freguezia) 300 meninas cujas maiores distancias estão interpecidas nos dias d'inverno por ribeiras caudalosas.

Isto dito tem graça e não é senão um sonho; sim: qual é a escola que tem 300 meninas por maior que seja a sua população? Mau dodo, mau concedido: pergunto: que edifício demanda, e que despezas? que dinheiro conta a junta... vae pedir a juro por conta dos rendimentos da fabrica, como cobrir as despesas ordinarias e extraordinarias quantas mestras são precisas? D'onde concorrem as 300 meninas que de inverno tem de passar por ribeiras caudalosas? Ribeiras caudalosas são muitas e a freguezia tem só a de Sant'Anna. As trezentas meninas tirase-lhe uma cifra, ficam em 30 que é o maximo da escola do sexo masculino. *Não ha lugar nenhum no povo para a escola* (diz s. s.) senão no edifício do prior collado; esta afirmativa é calva porque sabe muito bem que o inspector, o dr. Abreu, homem competente escolheu a casa do Bastos, de que fez mensão o jornal o *Correio do Meio-Dia* no numero 93. Na sessão extraordinaria em março do corrente anno expoz v. s. á junta (com desgarro) permitta-me a phraze, o seguinte:—*Decorada até ao presente a egreja matriz e o cemiterio público d'esta freguezia, acha-se e n'estado deploravel, accusando em uns negligencia criminosa, em outros indiferença vandalaica que demanda reparação e dispêndios; se lhes não accudirem a tempo desaba ao meio.*

Isto não se commenta,basta que o publico saiba que em 68 e 69 se fizeram despezas aprovadas para o telhado, madeira de ferro e pintura, como está bem patente a quem queira ver.

Por consequencia fica por terra a negligencia criminosa do artigo precedente e em seguida o vandalsmo e indiferença dos vogais da junta. Diz que o *quintal do prior collado está quasi abandonado*; tendo parreiras armadas, limoeiros, laranjeiras e uma figueira lampa, tem mostarda semeada para remedio dos que padecem de emicrania.

A's mãos largas offerece palheiros e ca vallariças, privando o prior collado que carece de tudo para cavalgadura destinada para as confissões. Também não se commenta, narra-se para o publico formar seus juizos sobre planos d'uma tal natureza. Eu porém, concluo agradecendo ao sr. Marreiros a recompensa afrontosa, como penitencia em retribuição dos actos de beneficencia, amor e respeito com que o tenho tratado.

Messines 4 de abril de 1876.

Martins

Ao ill.^{mo} sr. prior de Odeceixe

Não precisa dos meus conselhos, amigo: o manjar da instrução, que lhe deram a comer na juventude, adubado com a experiência que tem dos homens e das cousas, dá-lhe direito a se apresentar sobranceiro a esses rapsodistas que, à similaridade dos gaiatos da baixa-mar, andam pelas estrumeiras em procura d'algum alfinete que ao varrer da casa lá foi involto no pô. Ha meios para impedir os crimes, são os castigos a tempo, disse Montesquieu:—e o castigo que deve aplicar a esses luctuoses, dignos authores d'ateiosias, que são crimes tambem porque retaliham a honra, será apenas o desprezo.

Se são tão descarados que não temem aparecer em publico de rosto nauseabundo não receia, como em tempo aconselhou o nosso Garrett, «a accintosa mofa d'essa volvel, leviana gente.»

Se fallam muito; se enchem de parvoices

columns de jornaes, appellei-los garrulos, e diga, como Socrates, «os ignorantes fallam muito e dizem pouco.»

Se se gabam de civilizados, responda-lhes com o conselheiro Bastos que «a verdadeira civilisação é filha da religião.» E pouco religioso é aquelle que por largos annos não cumpre, antes posterga, os deveres do christão.

Se se blasonam de que são dextros no manejo d'alguns instrumentos, diga lhes com S. Amb. que «o valor não consiste nas forças corporaes, mas na virtude d'animu.» E aquelles espíritos obsecados são charcos immundos, depositos de substancias myphicas que envenenam o ar que aspiramos.

Se se apregoam d'opulentos; se nos seus palacios de cristal (sem vidros) corre o dinheiro a flux, observe-lhes: «que o ouro é desfunto nobre no tunulo dos cofres.»

Se, apesar da sua provadissima estupidez, elles tiverem o arrojo de dizer que tem exercido cargos elevados na sociedade, conclua que «na terra dos cegos quem tem um olho é rei.»

E fechando tudo em uma simples expressão manda-os á fava, ou, visto que foram bem tosquiados, acuselhe-os a tomarem alcacél n'esta epocha que é tão propria.

Silves 4 d'abril de 1876

Henrods.

Variedades

Um condenado á morte devia ser executado no dia seguinte.

Levado para o oratorio, pergunta lhe o director da prisão que quer comer?

Isto era em outubro.

—Quero morangos, responde o condenado.

—Morangos? Agora não os ha; só d'aqui a seis meses.

—Não tem duvida, responde o homem com modos resignados. Esperarei.

Em Hespanha morreu um Leopard.

Suicidou-se.

Devorou a cauda e as patas.

Este caso não é novo entre as feras, como alguns suppõem.

Ha já muito tempo que se está comendo a si proprio o leão de Hespanha.

Em Paris, entre dois ciganos:

—Olá! Então onde é a ida, tão depressa?

—Homem, deixa-me, vou a correr para não me verem as botas rotas!

Os recrutas são em toda a parte... recrutas.

Um estava de sentinella na porta de certo ministerio, onde se dava um grande banquete e recepção annual.

Tinha ordem de fazer com que todos os convidados deixassem as bengalas no logar para isso destinado.

—A bengala, disse o recruta, avistando o primeiro convidado.

—Não trago bengala, respondeu este.

—Isso não é da minha conta... Tenho ordem para que todos deixem ali as bengalas.

—Mas se já lhe disse que não a trago.

—Pois vá buscar-a.

N'um desafio:

—Meus amigos, não gosto de me bater á pistola.

—Menino, é a arma escolhida e não ha outro remedio...

—Pois sim. Não é porque eu tenha medo da pistola, não; porém sou nervoso e a detonação transtorna-me e faz perder o tino. Occorre-me uma idéa.

—Vejamos.

—Vossêes, que são meus padrinhos, collocam-se ao meu lado e tapam-me os ouvidos. D'este modo...

Os padrinhos fogem.

O sceptico P. Q. estava à morte e não queria confessar-se. Vendo proximo o seu fim, ordenou aos herdeiros que lhe collocassem no ataúde um rolo de moedas de ouro, querendo, sem duvida, que o precioso metal podesse proporcionar gosos no outro mundo.

Uma das suas herdeiras, movida por um sentimento piedoso, chama um sacerdote e pede lhe que convença o moribundo de que as moedas de ouro para nada servem depois da morte, e o persuada de que deve confessar-se.

sar se.

—Meu filho, disse o sacerdote depois de um longo discurso infructuoso, meu filho, se não se confessa irá para o inferno.

—Para o inferno?! exclamou o avaro espartado! não, não, que se derretem as moedas.

E resolveu confessar-se.

Visto e ouvido em um theatro:

Z... , jovem muito elegante, porém muito feia, aparece no seu camarote ostentando um bellissimo adorno de perolas.

X... , jovem muito linda, mas muito invejosa, exclama:

—Olá! nunca tal coisa vi.

—O que?

—Uma ostra entre perolas! respondeu X... designando Z...

—Senhor, uma esmola por amor de Deus.

—Tome você este papel. E' um vale contra a hospedaria que eu frequento. Hoje não jantei ali. Apresente você o vale e comerá.

—Se v. ex. me podesse dar mais do que? Oh! Que bom estomago! Tem então muito apetite?

—Não muito, mas convidei dois amigos, e dois vales faziam-me bem boa conta!

Um papá lê n'um periodico:

«As lamas da cidade de Milão produziram durante o anno de 1874, perto de cem contos de réis.»

—Alfredo! Alfredo!

Apparece Alfredo.

—Que quer o papá?

—Quando em dias de lama vieres da rua, deposita com todo o cuidado n'um recanto toda a lama que trouxeres nas botas.

—Para que, papá?

—Para teres um rendimento quando fores homem.

O professor de geographia, para os discípulos:

—Procurem ahi no mappa a cidade de Moscow.

Os pequenos atarantaram-se um pouco e o sabio accede logo:

—Patetas! Como queriam encontral-a, se foi incendiada!

Acabava um pregador de proferir a sua oração, e um camponio dos que mais o haviam admirado, vae felicital-o à sachristia.

—Só me fazem parafusar certas palavrinhas, certos ditos mais finos, que não entendo bem...

—Poderá! Não sabe rhetorica!

—Não sei rhetorica? Assim eu soubesse ler e escrever!...

O Times annuncia que se perdeu uma mulher.

Vão lá procurar uma mulher, quando se perde.

Quem sabe até onde chegará?

A um medico que visitava um hospital de doidos afigurou-se que o homem que lhe servia de guia estava em juizo perfeito.

—Porque está n'esta casa? perguntou: nem no semblante, nem nas palavras encontro o germen da loucura; nem no craneo descubro o mais leve indicio d'essa enfermidade.

—Advíta,

ANNUNCIOS

BIBLIOTHECA CONTEMPORANEA

LISBOA, 17—RUA FORMOSA 1.º ANDAR

Em publicação *O cosinheiro d'El Rei*. Memorias do tempo de Filipe III, grande romance historico.

Está aberta a assignatura para este primoroso romance.

Obras publicadas: *O conde duque d'Olivares*, memorias do tempo de Filipe IV. Quatro volumes ornados de estampas. Em brochura, 2500 réis.*Bandidos Celebres*, historia romanesca de sete ladrões. Quatro volumes ilustrados. Em brochura, 2500 réis.*Pepita Jimenez*, primor litterario de D. João Valera. Um volume ilustrado. Em brochura 600 réis.*João Palomo ou a expiação d'um bandido*. Quatro volumes em brochura 2500 rs.

BIBLIOTHECA HORAS DE RECREIO

A

RAMALHETEIRA DO TIVOLI

A acção d'este interessante romance passa-se na época do Terror, em 1793, onde o vulto de Barras e Robespierre aparece conjuntamente com o da formosa melle Lange que ainda ha pouco se mostram tão sympathica no papel que representava a mesma época d'este lindo romance. Contém 400 paginas, e á primorosamente impresso, e ilustrado com boas estampas.

Remette-se franco a quem envier o seu importe.

Em publicação:

O ESTUDANTE
DE
SALAMANCA

NOTAVEL ROMANCE PENINSULAR

Fica no prélo este interessante romance peninsular, de que foi teatro a Hespanha na época da guerra dos sete annos, no tempo do primeiro pretendente Carlos V, avô do actual Carlos VII, que á frente d'uma pleade de fanaticos, como o d'hoje tantos males acarretou sobre a sua patria. A scena passa-se na Navarra em pleno carlismo.

Distribue se todas as semanas em fasciculo de 6 folhas. A assignatura pôde ser requisitada por volumes ou por fasciculos. Creditam-se quaisquer quantias por conta da assignatura. Toda a correspondencias deve ser dirigida a Rocha Torres & C.º — Rua dos Calafates, 93—Lisboa.

A LIVRARIA BORBALO

ESTABELECIDA ha 33 annos em Lisboa na rua Augusta, mudou-se para a travessa da Victoria n.º 42—1.º andar proximo à igreja de S. Nicolau.

N'este estabelecimento se acha á venda um variado e rico sortimento de livros de missa e semana santa de capas de madreperola, tartaruga, marfim, chagrin, veludo e marroquim, albuns para retratos, carteiros para lembranças, Jogos da Glória, dítos do Lotto, dítos do Assaio etc. Obras de litteratura, poesia, Historia, romances, dramas, comedias e scenas comicas, de tudo tem catalogo impressos com os titulos e preços das obras os quais se dão gratis a quem os requesitar em carta, subscrita a Joaquim José Bernaldo, travessa da Victoria n.º 2r4—1.º andar.

CASAS

VENDE-SE uas casas terreas sitas na rua do Postigo da Igreja em Portimão. Quem pretender dirija se a Antonia da Cruz ou a seu marido em Silves.

ANTIGO DEPOSITO DE FARINHAS

J. A. Sant'Anna, em Portimão, participa aos seus freguezes que lhe chegaram de Lisboa, pelos hiatos *Sant'Anna I* e *Sant'Anna II*, 1:600 saccas de farinha nacional, para todos os preços a começar de 900 réis por 15 kilos, e garante que os seus preços são mais baixos 50 réis por cada 15 kilos de que n'outras vendas d'este genero. Tambem recebeu trigo, feijão, milho, grão de bico e chixaro, que tem tudo exposto á venda nos seus depositos.

L I N H A

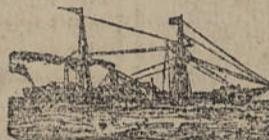


REGULAR

DE BARCOS DE VELLA
ENTRE PORTIMÃO E LISBOA

Para Lisboa sahirá no dia 20 do corrente o hiate *Sant'Anna I*. De Lisboa para Portimão, sahirá no dia 21 do corrente o hiate *Sant'Anna III*. Trata-se em Lisboa, com João da Silva Lima, rua Nova da Alfandega n.º 56, e em Portimão, com o seu proprietario J. A. Sant'Anna.

Linha de vapores hespanhóes



Para Londres e Anvers, directamente, sahirá no dia 21 de fevereiro o vapor *Calderon*. Estes vapores são de boa marcha, e fazem a sua viagem d'aqui a Lisboa em 10 horas, para onde tomam passageiros a 2500 réis na 3.ª classe.

Trata-se em Portimão com o seu consignatario,

J. A. Sant'Anna.

EDITAL

Por este se faz publico que no domingo 9 do corrente meze pelas 11 horas da manhã em praça publica no Largo do Colégio d'esta villa, se hão de pôr em perigo de venda e arrematação a quem mais das 500 saccas que vieram com os generos que o governo emprestou aos lavradores d'este concelho, as quais hão de ser vendidos em lotes.

Administração do concelho de Portimão 7 de abril de 1876.

O administrador do concelho.
Francisco Pedro da Silva Negrão.

DICCIONARIO

TECHNOLÓGICO

De todas as applicações das descobertas científicas aos processos industriais e ás exigências imediatas da vida exirahido dos melhores e mais recentes tratados de cada especialidade, por uma associação de praticos e estudiosos.

Para maior intelligencia dos estudiosos será esta *Encyclopedie* ornada com gravuras illustrativas, que expliquem visualmente as novidades e invenções que a scienza tem conquistado para a historia natural, para as artes e para as industrias.

O nosso *Diccionario* será publicado em formato grande e tipo meudo.

Serão distribuídos em Lisboa e Porto, 60 fasciculos de 16 paginas em cada meze, que devem ser pagos no acto da entrega a 120 réis cada fasciculo.

Para os ers. assignantes, das provincias acrece o importe das estampilhas.

Assigna se nas principaes livrarias de Lisboa.—Cada pessoa que garantir dez assignaturas receberá um exemplar gratis.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Luiz Maria dos Santos—Rua dos Capelistas, 42—Lisboa.

VENDE-SE

Quem pertender comprar um rabecão contrabando novo e da primeira qualidade, dirija se a João Carlos da Cruz Laria em Lagoa.

DICCIONARIO
POPULAR

HISTORICO, geographico, mythologico, biographico, artistico, bibliographico e litterario por uma sociedade de homens de letras.

Condições da assignatura: o formato do *Diccionario Popular* é in-quarto a tres columnas. O typo é miudo, como o de todas as obras d'este genero e o papel da melhor qualidade.

A obra é distribuida em fasciculos de paginas ou 48 columnas com a sua competente capa.

Cada fasciculo custará 100 réis.

Está publicado o fasciculo 14.

O porte do correio é á custa da empreza, de modo que os assignantes das provincias e ilhas adjacentes só tem de pagar 100 réis por cada fasciculo como os assignantes de Lisboa e Porto.

As assignaturas das ilhas são consideradas moeda forte.

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao escriptorio da empreza do *Diccionario Popular*—Rua da Atalaya, 173—Lisboa.

TRIGO

VENDE-SE trigo mourisco ruivo, joeirado, do Reguengo a 800 réis o alqueire. Quem pretender dirija se a casa do sr. Negrão ao caes n'esta villa.

ATTENÇÃO

JOSÉ MORA SANCHES rua dos Quartéis tem um grande sortimento de livros de missa, confissão e semana santa. Com encadernações de todas as qualidades.

Jornal das damas

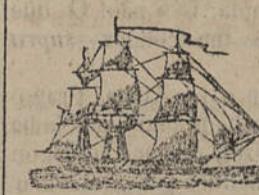
PUBLICOU-SE o n.º 108 d'esta interessante revista de litteratura e modas, unico jornal dedicado as senhoras que em Portugal existe, contendo uma longa e bem detalhada revista de modas, no qual cuidadosamente se descrevem as mais elegantes «toilets» que se usam para passeio, visitas, reunião teatro, baile, etc; poesias e artigo de recreio acompanhados dd dois excellentes figurinos gravados e iluminados em Paris.

Preço da assignatura—Lisboa, 1 anno 2500 réis. Províncias, 1 anno 2400 réis—numero avulso 250 réis. Assigna-se em Lisboa unicamente na 24, 26, no Porto Coimbra e Braga nas principaes livrarias, do sr. Mariano Machado (com o pagamento de 25 % de diferença da moeda).

CASAS

O abaixo assignado arrenda por tres annos, umas casas altas, na rua do Maravilhas em Portimão. Gomes.

PARA O PORTO



*S*AHIRA com toda a brevidade a chalupa *D. Rosa*. Quem pretender carregar dirija-se ao seu capitão Joaquim da Silva Ribeiro, em Portimão.

Expediente

CORREIO DO MEIO-DIA.—Assigna-se em Portimão no escriptorio da redaçao rua Direita.

Condições da assignatura.—Ano 1600 réis; semestre 900 réis; trimestre 500 réis; e pagamento que não for adiantado conta-se aos trimestres.

Fóra de Portimão, acresce a estampilha na razão de 20 réis por meze. Anúncio 40 réis.

PUBLICAÇÕES.—No corpo do jornal 30 réis annuncios por linha 20 réis. Os assignantes gozam do beneficio de 25 por cento.

Não se restituem os originais. Não se recebem correspondencias sem serem francas de porte.

PORTE—TYP. DO CORREIO DO MEIO-DIA

TREM

J. A. LOPES DOS REIS, em Lagoa preve os seus amigos que tem um bom trem para alugar, por preços muito rascavais.